

AULA 28: PARÁBOLA DOS TALENTOS

–por Mauro Gomes

1. No Evangelho encontra-se a Parábola dos Talentos, onde Jesus teria contado a história de um homem que, antes de viajar, chamou os seus servos e lhes pediu para guardar todos os seus bens, chamados de “talentos”¹. A um servo deu cinco talentos, a outro deu dois e ao terceiro apenas um talento. Aquele que recebeu cinco talentos soube negociar e ganhou outros cinco. Da mesma maneira, o que recebera dois ganhou outros dois. Mas, o que recebeu um, temendo a severidade do senhor, escondeu o dinheiro na terra. Após algum tempo retornou o homem de viagem e, na prestação de contas, os servos que haviam recebido cinco e dois talentos apresentaram os seus lucros. O senhor agradeceu a fidelidade dos servos e prometeu que daria tarefas maiores aos dois. Quando o terceiro servo apresentou-lhe o talento que foi escondido, ouviu uma repreensão do homem, que o chamou de preguiçoso, e mandou retirar o seu talento e entregá-lo ao servo que já possuía dez talentos, “porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á e terá em abundância; e ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem. E ao servo inútil, lançai-o nas trevas exteriores: ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus, XXV:14-30).
2. **A RIQUEZA.** Uma das interpretações da Parábola dos Talentos é aquela que explica a relação dos homens com os bens materiais. Kardec afirma que a riqueza é uma prova mais arriscada e perigosa que a miséria, pois fascina, traz tentações e excita o orgulho e o egoísmo. Cabe ao homem transformar a riqueza em fonte de bem, pois ela é instrumento de trabalho e evolução. Mesmo se a riqueza não for uma causa imediata do progresso moral, é um poderoso elemento do progresso intelectual. No entanto, o apego aos bens materiais pode ser um entrave à evolução.
3. Cheverus, no Evangelho Segundo o Espiritismo, afirma que para melhor se empregar a fortuna deve-se consultar a máxima “Amai-vos uns aos outros”. Deve-se considerar a fortuna no seu justo valor e não desperdiçá-la, nem perdê-la, o

¹ **Talento** (do latim: *talentum*, do grego: *talanton*), era uma unidade de medida da antiga Mesopotâmia (sec. XXIII a.C.) para grandes quantidades de massa e seu significado era confundido com moedas, pois era usado para designar grandes quantidades de ouro ou prata.

que seria resultado do descuido ou da indiferença. Deve-se dar com sabedoria, isto é, ajudando primeiro, mas informando-se depois para ver se o trabalho, os conselhos ou a afeição não seriam mais eficazes do que a esmola.

4. **DESIGUALDADE DA RIQUEZA.** A desigualdade da riqueza ocorre porque nem todos são igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar o que tem. Caso fosse realizada matematicamente uma divisão da riqueza em partes iguais, o equilíbrio seria rompido em pouco tempo, pois os homens são diferentes nas suas aptidões. Caso fosse dado a cada um somente o necessário para viver, isso iria aniquilar todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e o bem-estar da humanidade, além de desestimular as grandes descobertas. A riqueza é um elemento do progresso, pois sem ela não haveria grandes trabalhos, nem atividade, nem estímulo ou pesquisas.
5. **KARDEC E A GLOBALIZAÇÃO.** Kardec afirmou que o homem deve trabalhar pela melhoria material do globo e prepará-lo para receber toda a população que a sua extensão comporta. Por isso, as relações entre os povos tornam-se uma necessidade e é forçoso destruir os obstáculos materiais que os separam, tornar mais rápidas as comunicações. Para esse trabalho de gerações, o homem teve de desenvolver a ciência, produzir riqueza e com isso desenvolveu a inteligência. Apesar de se concentrar inicialmente na satisfação das necessidades materiais, a inteligência ajudará mais tarde na compreensão das grandes verdades morais.
6. **RIQUEZA INTERIOR.** Outra interpretação para a Parábola dos Talentos envolve o lado subjetivo, como a riqueza interior e a multiplicação das virtudes. A inteligência deve multiplicar e difundir os benefícios da instrução, do amor do trabalho e do amor ao próximo. Se entendermos que a inteligência e as virtudes são atributos do espírito, é preciso estar mais ricos em talentos ao sair que ao chegar neste mundo.
7. Para o sucesso dessa empreitada pela melhoria individual é preciso deixar para trás aquilo que

não serve mais, seja material ou comportamental. Para isso ser alcançado é preciso assumir os riscos das mudanças. Assumir riscos também significa ter tolerância com os fracassos que podem ocorrer durante esse caminho, e isso desperta o medo das mudanças.

8. **CORAGEM.** Para se multiplicar as qualidades, é preciso vencer o medo que acompanha os momentos de mudanças. Coragem pode ser definida como a força racional capaz de vencer o medo, e surge após uma avaliação criteriosa da razão. Por vezes é preciso mudar a direção do caminho ou dar um passo atrás para que se possa seguir adiante.
9. **AUTOESTIMA.** Alcançar o sucesso em algo que se pretendia traz uma sensação de felicidade e uma injeção de ânimo para novos desafios, elevando a autoestima. Funciona como um círculo vicioso, ou melhor, círculo virtuoso, que impulsiona o ser para o progresso. Quando ocorre o inverso, isto é, há o fracasso em

determinada experiência, isso pode transportar o homem para o domínio da dor, levando-o à depressão e ao desânimo para novas empreitadas.

10. Por isso, para se alcançar o sucesso nas empreitadas é fundamental se utilizar da razão para uma avaliação mais correta da realidade e não se deixar levar por devaneios sem possibilidade de êxito na sua concretização. Deve-se utilizar da inteligência para melhor avaliar todas as possibilidades de escolha; é preciso ter compromisso e trabalho pela mudança; é necessária a coragem para vencer o medo que as novas situações despertam; é necessário humildade para reconhecer a falha e poder corrigi-la; deve-se ter tolerância com o fracasso caso ele ocorra, e manter disciplina e persistência para prosseguir no caminho da transformação que se deseja obter.

Leitura Complementar:

1. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap XVI. Allan Kardec